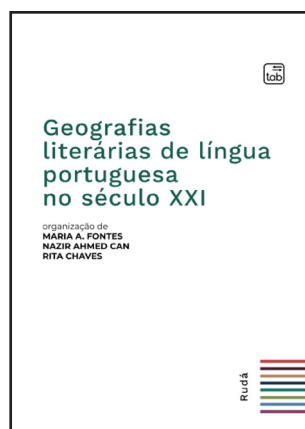


ESPAÇO E LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM LÍNGUA PORTUGUESA

SPACE AND CONTEMPORARY LITERATURE IN PORTUGUESE

Ana Beatriz Matte Braun¹



Geografias literárias de língua portuguesa no século XXI, organizado por Maria Aparecida Rodrigues Fontes, Nazir Ahmed Can e Rita Chaves, é uma coletânea de ensaios publicada em 2021, composta por 16 artigos escritos por

pesquisadores/as e escritores/as que, a partir de pontos distintos do planeta, propõem-se a refletir sobre as relações entre geografia e a literatura escrita em português na contemporaneidade. Conforme nos informa a orelha do volume, o livro é

resultado de uma parceria entre a Università degli Studi di Padova, a Universidade de São Paulo e a Universidade Autônoma de Barcelona”, reunindo “vários artigos à volta das formas e funções da geografia em manifestações literárias e artísticas contemporâneas produzidas em Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Portugal (Fontes; Can; Chaves, 2021).

Apresentando leituras críticas de autores que escrevem em português, a proposta do volume é refletir, explorar, relacionar e tensionar conceitos e termos como geografia(s), território(s) — individuais ou coletivos —, cartografias, a relação entre espaços urbanos e rurais, mapas, diásporas, fluxos migratórios, paisagens, fronteiras, regiões, espaços reais e imaginados.

Pode-se dizer que o livro é um expoente de uma tendência mais ampla recentemente observada nas abordagens críticas às literaturas contemporâneas, com especial ênfase aos casos das africanas e afrodiaspóricas, de deslocamento da centralidade da história e, por consequência, do cânone orientado pelo paradigma nacional, em grande parte construído ao longo do século XX. A relativização de tal paradigma resulta em abordagens transnacionais que desafiam e ultrapassam fronteiras territoriais e linguísticas ao aproximarem e relacionarem obras e autores(as) antes afastados por escreverem em línguas distintas, a partir de espaços nacionais distintos.

A reavaliação da história única (evocando o popular conceito de Chimamanda Adichie) e a cada vez maior ênfase conferida à pluralidade no continente africano passa a se dar por meio de uma reavaliação dos paradigmas herdados da Conferência de Berlim. Tome-se como exemplo dois volumes recentes: o primeiro deles, **Africa(s) in the world and the world in the Africa(s)** (2021), organizado por Sandra Sousa e Nazir Ahmed Can, desafia, desde o título, a noção de unidade no continente africano, em uma clara transgressão aos limites linguísticos pautados pelos paradigmas nacionais herdados do colonialismo. Indo no mesmo sentido, outra obra crítica recente que confronta e desafia noções homogeneizantes e estabilizadoras sobre a África e as manifestações literárias ali produzidas é **África(s) na(s) literatura(s): revisitando narrativas que tecem complexos culturais** (2022), organizado por Issaka Mainassara Bano e Providence Bampoky, no qual autores e autoras igualmente provenientes de diversificados contextos discutem as singularidades de tais expressões literárias, por meio de enfoques que incorporam perspectivas construídas além dos limites do próprio espaço acadêmico. Tomadas em conjunto com o volume aqui resenhado, são três obras que provocam um profícuo movimento de reorganização dos aparatos críticos empregados na análise da literatura contemporânea.

Ainda que limitadas a manifestações literárias escritas em língua portuguesa, as análises críticas apresentadas em **Geografias literárias de língua portuguesa no século XXI** buscam, de maneira geral, repensar os modos de interação entre espaço(s) e literatura(s) contemporânea(s) partindo do pressuposto de que “qualquer percepção de trânsito temporal se deve fazer acompanhar por transformações no modo como se perscruta a geografia” (Fontes; Can; Chaves, 2021, p. 11). A introdução do volume, intitulada “Pactos, impactos e impasses: notas sobre as geo-grafias literárias de língua portuguesa no século XXI” e escrita a três mãos por Fontes, Can e Chaves, adota um olhar panorâmico para sintetizar algumas das principais perspectivas críticas relativas ao tema. Destacam, de início, a intensidade e especificidades dos movimentos migratórios que, ao longo do século XX, acabaram por influenciar de maneira decisiva o fazer literário em escala global. Na literatura contemporânea, afirmam, o espaço adquire estatuto de categoria definidora de identidades, fazendo emergir, por consequência, intensos questionamentos sobre os modos como diferentes obras são lidas e interpretadas. No campo crítico, apontam a relevância e o impacto de obras críticas como as de Bakhtin e Bachelard que, desde as primeiras décadas do século passado, já alertavam para a condição estrutural do espaço na constituição da narrativa de ficção. Além desses dois nomes, dentre o amplo

rol de teóricos citados, “Youri Lotman, Kenneth White, Marc Brosseau, Franco Moretti, Michel Collot, Bertrand Westphal, Katrin Dennerlein, Greg Garrard ou Graham Huggan” (Fontes; Can; Chaves, 2021, p. 16), destacam as contribuições de Milton Santos, pela sua capacidade única de circular entre os produtores de saber, e as de alguns dos principais teóricos associados ao pós-colonialismo, como Homi Bhabha, Arjun Appadurai, V. Y. Mudimbe, Walter Mignolo, James Clifford e Edward Said, pesquisadores em cujas obras a categoria espaço ocupa inegável centralidade no pensamento crítico do século XX.

No âmbito da crítica literária em língua portuguesa, a introdução do tema teria se realizado mais tardiamente. No caso brasileiro, Antonio Dimas teria sido um dos primeiros a observar o descompasso entre a impactante presença do espaço na literatura brasileira e “o pouco expressivo enfoque do espaço nas propostas analíticas” (Fontes; Can; Chaves, 2021, p. 20) que predominava entre a crítica do fim dos anos 80 no país. Tal defasagem é especialmente relevante levando em consideração a viva presença da paisagem na literatura brasileira (assim como também na latino-americana), desde as primeiras representações “deslumbradas” do “novo mundo” em um continente ainda desconhecido por europeus, passando pela paisagem em Alencar, o Rio de Janeiro na obra de Machado de Assis, o espaço naturalista do cortiço em Aluísio Azevedo, a paulicéia de Mário de Andrade, o “brejo das almas” de Carlos Drummond de Andrade, o sertão de Guimarães Rosa, entre outros. No século XXI, alguns dos autores destacados são Luiz Ruffato, Milton Hatoum, Luiza Lobo, Adriana Lisboa e Eliane Alves Cruz — expressões literárias que ultrapassariam as fronteiras nacionais, seguindo a tendência da ficção contemporânea de apreensão da realidade por meio de uma multiplicidade de perspectivas.

Passando a tratar do contexto crítico-literário de Portugal, ainda envolto por discursos identitários identificados com projetos expansionistas e imperialistas, o texto de introdução destaca, a seguir, um conjunto de obras e autores que, especialmente a partir dos anos 70, perceberam o espaço por meio de questionamentos sobre o “sentido desse projeto colonial e o seu lugar na formação da identidade nacional” (Fontes; Can; Chaves, 2021, p. 27). Mencionam uma série de obras portuguesas, especialmente as publicadas a partir dos anos 70, que trazem referências espaciais já em seus títulos, como **O esplendor de Portugal**, de Lobo Antunes, ou **Partes de África**, de Helder Macedo. Há, ainda, a literatura que explora a temática dos “retornados”, cujos títulos remetem igualmente a lugares, como **O último ano em Luanda**, de Tiago Rebelo. Destacam, por fim,

a tendência para o registro toponímico que denota a sugestão ou mesmo a fixação espacial como um dado de relevo na elaboração textual. Se, em alguns casos, tal registro se justifica pelo cultivo da literatura de viagem como modalidade literária, em outros casos percebemos a frequência de obras que se esquivam dessa classificação, e, filiadas a outros gêneros, não deixam de patentear o espaço como força motriz na construção do seu ponto de vista (Fontes; Can; Chaves, 2021, p. 28).

No caso das literaturas em português na África, o apego à paisagem assumiria ainda outras atitudes e configurações, considerando o tratamento objetificado recebido na literatura colonial; uma “apreensão exotizante da paisagem” que se manifestava “nas sensações vividas pelas personagens diante da diferença da natureza ou na dificuldade expressa pelo narrador de se colocar perante o surpreendente cenário” (Fontes; Can; Chaves, 2021, p. 29). A partir do fim da Segunda Guerra, com a emergência das demandas pelas independências na África, destaca-se a obra de Fanon e a demarcação e a incomunicabilidade entre a “cidade do colonizador e a cidade do colonizado” (Fontes; Can; Chaves, 2021, p. 31) e, mais recentemente, a busca por outras perspectivas, tanto ao nível estético quanto no temático, que possibilitem revisar, e ao mesmo tempo ultrapassar, o discurso colonial.

Além do substancioso texto de introdução de autoria dos organizadores da obra, **Geografias literárias de língua portuguesa no século XXI** conta com instigantes e sugestivos artigos que trazem contribuições para o desenvolvimento do campo crítico das literaturas escritas em português na contemporaneidade. O artigo que abre o volume, “Espaços narrados, espaços narráveis”, de autoria de João Paulo Borges Coelho, discorre sobre as conjunturas históricas e culturais que contribuíram para a constituição da nação moçambicana que, por sua vez, resultaram, naquele contexto literário, em duas perspectivas espaciais dominantes: uma que se edifica pelo contraste entre campo e cidade, ou entre espaço rural e espaço urbano, e uma outra que contempla o litoral, ou os espaços associados ao mar. Partindo da premissa de que “a literatura de ficção” é “artifício”, ou “maneira de fazer”, Borges Coelho, falando na condição de ficcionista, afirma que a maneira de fazer está diretamente ligada à escolha “de espaços dentro dos quais escolhemos temas, espaços onde nos situamos para narrar” (Coelho *in* Fontes; Can; Chaves, 2011, p. 45). Já Dau Bastos, em “A ficção como afrontamento das fronteiras” rememora seu percurso pessoal em constante deslocamento, tendo na literatura um estímulo para conhecer e dar a conhecer o mundo, tomando situações vividas em lugares precisos como inspiração para sua escrita ficcional. No artigo, Bastos explica o modo como seu livro **Clandestinos na América**, de 2005, foi concebido, ao mesmo tempo em que descreve as dúvidas, muitas das quais de natureza ética, que assomam a composição artística. Roberto Francavilla, autor do artigo “Geografie dell’atrove. Luogo e memoria in alcuni romanzi brasiliani del XXI secolo”, discorre sobre as diferenças entre representação e forma material dos espaços tomando como objeto de análise a literatura brasileira contemporânea, analisando autores como Milton Hatoum, Chico Buarque e Tatiana Salem-Levy. O texto de Edmilson de Almeida Pereira, “O tensionamento entre território e escrita nas literaturas lusófonas”, busca, por sua vez, mapear os modos como se relacionam lugares físicos (territórios) e algumas obras escritas em português, tomando a “escrita sismógrafo como um instrumento crítico que o sujeito utiliza para mapear no subsolo e na superfície das relações sociais os abalos de maior ou menor risco para a estabilidade da

vida individual e/ou vida coletiva” (Pereira *in* Fontes; Can; Chaves, 2011, p. 111). Em “Espaço e espacialidade em obras literárias africanas escritas em língua portuguesa”, Maria Nazareth Soares Fonseca analisa estratégias de rememoração e encenação de diferentes concepções espaciais em obras de Luandino Vieira, Boaventura Cardoso, José Eduardo Agualusa. Sandra Sousa, por sua vez, compõe, em “Olhares de fora para dentro: novas configurações espaço-literárias de Luanda”, uma profícua articulação entre o conceito de “cartogramas” de Laura Cavalcante Padilha, o estudo de Tania Macêdo sobre Luanda e as leituras de Alice Giroto e Edward Soja para ler Ondjaki, Adolfo Maria e Yara Monteiro. Ricardo Luiz Pedrosa Alves, em “Uma rua toda sua? Espaços público e privado em **Niketche e Quarenta dias**” analisa o modo como as narrativas de Paulina Chiziane e Maria Valéria Rezende articulam a relação entre espaço público e privado tomando como partida o ensaio de Virginia Woolf, **Um teto todo seu**. Catarina Nunes de Almeida, no artigo “Alexandra Lucas Coelho no Afeganistão: novos e velhos desafios de uma escritora-viajante em pleno século XXI”, aborda a representação de mulheres como viajantes por meio da leitura de **Caderno afegão**, de Alexandra Lucas Coelho; uma outra perspectiva do relato de viagem, que faz da mulher viajante “portadora de uma herança e, ao mesmo tempo, de sua própria novidade.” (Almeida *in* Fontes; Can; Chaves, 2021, p. 208) Nazir Can, em “Oriente e orientalismo na literatura moçambicana” parte da teorização sobre o espaço na literatura para então investigar, por meio de uma perspectiva panorâmica, o que chama de “vocação oriental que mobiliza o campo literário” moçambicano ressaltando “a heterogeneidade dos usos est ticos e ideológicos do Oriente na atual literatura moçambicana” (Can *in* Fontes; Can; Chaves, 2021, p. 240) pela análise da obra ficcional de João Paulo Borges Coelho e Luís Carlos Patraquim. Maria da Graça Gomes de Pina, autora do artigo “Metagoge e espaço em Germano Almeida” constrói uma análise do romance **Do Monte Cara v -se o Mundo**, de Germano de Almeida, perscrutando como ali interagem memória, testemunho e imaginação. Lucia Teixeira, em “Os espaços da imaginação na  ndia de Almeida Faria” faz uma leitura do romance **O murmúrio do mundo** em sua relação com a literatura de viagem, que, na obra, se constitui de “histórias e imaginários” acumulados ao longo do desenvolvimento de um projeto patrocinado pelo Centro Nacional de Cultura português. Luciana Salles, em artigo de nome “Antinavegaç o: **Jalan Jalan** e a poética do passeio”, analisa a obra do escritor português Afonso Cruz por uma perspectiva que destaca a cosmovisão que faz convergir “a rua — espaço — e o andar — a o — na mesma palavra, indistintamente objeto ou verbo”, emaranhando “o ato e o palco, o lugar e o gesto” (Salles *in* Fontes; Can; Chaves, 2021, p. 395). Vagner Camilo, por sua vez, em “Pietracatella, Niterói, Adis Abeba: a dupla viagem de **Etiópia**” faz uma leitura da obra de Francesca Angiolillo tomando-a como um relato de viagem que alia pesquisa histórica e investigações sobre a realidade durante sua estada nesse país africano. O texto “Espécies de espaços ibéricos”, de autoria de Jordi Cerd  Subirachs, reflete sobre o campo de investigação dos chamados “estudos ibéricos”, destacando que o espaço ali encontrado é

muito mais heterogêneo do que supõem os que buscam apenas expressões de lusitanismo e hispanismo. Em “O futuro é a escuridão: protocolos de leituras de espaços escuros”, Helder Thiago Maia nos apresenta uma reflexão sobre os modos como os espaços de escuridão ganham sentido quando confrontados às noções de neutralidade e imparcialidade, aqui relacionadas à ideia de luz. Por fim, o texto de Ana Paula Pacheco, “O baile, o porão, a nave, o não: sobre o filme **Branco sai, preto fica** (Brasil, 2014)”, discorre sobre o segundo longa-metragem de Adirley Queiróz relacionando-o às discussões sobre a violência urbana e racismo no Brasil contemporâneo.

Pode-se constatar, a partir do descritivo dos artigos componentes do volume, a diversidade de objetos e a produtividade das perspectivas críticas mobilizadas na construção das análises, compondo um quadro complexo e diversificado da atual produção literária em língua portuguesa. Ao mesmo tempo em que reflete o desejo de superar e mesmo transformar o modo como a crítica percebe as manifestações literárias contemporâneas, os artigos que compõem **Geografias literárias de língua portuguesa no século XXI** evidenciam, por meio de leituras coerentes e consistentes, a produtividade de análises que buscam ir além da história. As reflexões e as abordagens críticas que constituem a obra são uma excelente leitura para estudantes e pesquisadores(as) ávidos(as) por ampliar sua percepção sobre o modo como a ficção busca interagir com a contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANO, Issaka Mainassara; BAMPOKY, Providence (Orgs). **África(s) na(s) literatura(s): revisitando narrativas que tecem complexos culturais**. São Paulo: Alupolo Editora, 2022.

FONTES, Maria Aparecida Rodrigues; CAN, Nazir Ahmed; CHAVES, Rita (Orgs). **Geografias literárias de língua portuguesa no século XXI**. Roma: Tab Edizioni, 2021.

SOUSA, Sandra; CAN, Nazir Ahmed (Orgs). **The Africas in the world and the world in the Africas**. African literatures and comparativism. Holden, Massachusetts: Quod Manet, 2022.

Recebido para avaliação em 01/06/2023.

Aprovado para publicação em 09/08/2023.

NOTA

1 Docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Guarapuava, vinculada ao programa de Pós-Graduação em Letras do campus Pato Branco da mesma instituição. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná (2016) com pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (2023). É autora e coorganizadora do livro **Diálogos com o pensamento social brasileiro** (2020) e do recém-lançado **Molduras: entrevistas sobre literaturas africanas** (2023).